

Jorge Dorfman Knijnik¹
Patrício Casco²
Diogo Castro³

‘EU VI O QUE VOCÊS FIZERAM NO VERÃO PASSADO’: PANOTIPIA, ESPORTE-ESPETÁCULO E OS DEUSE\$ DO SÉCULO XXI

‘I Have Seen What You Did in the Last Summer’: Panotipia, Sport-Spectacle and the God\$ of The XXI Century

Resumo: Atrás do manto sagrado que recobre o Esporte, ferve uma longa história. Como este fenômeno surgiu? Quais as bases que lhe deram seu formato? Indo mais além, como podemos entender o seu significado na atualidade? Iniciando com uma descrição quase cinematográfica, este texto apresenta as possíveis representações que o esporte pode ter neste momento, sempre a partir de um ponto de vista filosófico. Tal reflexão é feita a partir do mergulho no imaginário, no qual a história comparada e o plano mítico se fundem para, desta maneira, convergir múltiplos espaços, tempos e pontos de vista acerca do fenômeno desportivo. As conclusões apontam para a possibilidade de um esporte consubstanciado em ação corporal/reflexiva como alternativa à sua versão hegemônica midiaticizada e padronizada.

Palavras-chave: Esporte. Espetáculo. Agôn.

Abstract: *Behind the holy mantle that recovers the Sport, a long story boils. How did this phenomenon arise? Based on what did it take shape? In addition, how can we understand this meaning at this moment? Beginning from an almost cinematographic, this text shows possible representations that sports can get at this moment, from philosophic point of view. This reflection is made from an inside look in the imaginary, in which history and the mythical vision converge to the multiple spaces, times and*

¹ Licenciado e mestre em Educação Física e Doutor em Psicologia, títulos obtidos na USP, onde é docente da graduação e da pós-graduação *strictu sensu* da Escola de Educação Física e Esporte. Docente do Curso de Educação Física da Universidade Mackenzie; autor de *A mulher brasileira e o esporte, seu corpo, sua história* (Ed. Mackenzie); da coluna “Handebol na veia” (www.pedagogiadohandebol.wordpress.com). É moderador da lista sobre gênero e esporte do Centro Esportivo Virtual (www.cev.org.br)

² Licenciado em Educação Física pela Universidade de São Paulo; professor do Colégio Oswald de Andrade; autor de *Vôlei* (Ed. Odisseus) e de *Tradição e Criação de Jogos - Reflexões e Propostas para uma Cultura Lúdico- Corporal* (Ed. Peirópolis); Terapeuta do Método Rolf de Integração Estrutural.

³ Licenciado em Educação Física pela Universidade de São Paulo; membro do NEPEDE - Núcleo de Estudos e Pesquisas do Esporte Democrático e Educativo/USP; Treinador de equipes universitárias de handebol.

points of view about the sports phenomenon. The conclusions point to the possibility of a sports embodied in action body / reflective as an alternative to its hegemonic mediatized and standardized.

Key words: Sport. Entertainment. Agôn.

INTRODUÇÃO

“Pois eu vi Puskas, Di Stefgano, Labruna(...)
E Telê Santana se matar em campo e garimpar a grana(...)
Vi Garrincha(...) Vi Julinho(...) Vi Gerson (...) E o Cruyff (...)
Vi Sócrates, Rivelino Torvelino, e o Zico Maracanã(...)
E o ícone do Kaiser, seu Falcão, alta costura(...)
E vi Pelé, o filho de Krishna, o mais fino dos Etíopes
Servindo seu banquete a Zeus,
Pelé a derrisão do grande Maradona
Que se fué um fenômeno ,pero puta, borracha y ladrona
E pude ver o Dener sem paciência, o driblador do Caos
Ursinho a caçar salmões em campo, khaire Dener!
Todos,estejam neste mundo ou com Platão,
Ainda batem bola nas neblinas. Imensamente.”
(MEDINA, 1994, p.39)

Este texto, nascido de uma metáfora bem como de questionamentos sobre o surgimento do fenômeno esportivo, pretende suscitar exatamente o debate sobre as origens deste fenômeno. Se existe um senso comum que praticamente fecha a questão sobre o esporte ter suas origens na Grécia Antiga, por outro lado outras teorias sociológicas apontam uma grande diferença entre o esporte praticado pelos gregos e o esporte atual, que teria sua origem na Inglaterra durante a Revolução Industrial. Desta forma, ao visitar fontes históricas, sociológicas e filosóficas (ou fontes da ‘esportologia’ proposta por Bouet (1998)), o texto revisita estas teorias, colocando-as lado a lado, ao mesmo tempo em que aponta as questões mitológicas ainda presentes no esporte moderno, apesar de suas incontáveis transformações. Iniciando com uma metáfora que coloca juntos em um mesmo atemporal momento o esporte antigo com características modernas e comerciais, o texto ao final, pretende deixar aberta a possibilidade das reflexões para que o esporte hegemônico, mediatizado e comodificado não seja encarado como a única possibilidade de se fazer esporte nos dias atuais.

A massa amassada

Eles são incontáveis. Como um formigueiro pós-humano, tomam conta das ruas da gigantesca metrópole do maior país do Reino dos Santos de Barro, e se dirigem para o local da festa. Fazendo festa! Tambores ecoam sons primitivos, enquanto, com punhos cerrados, os donos da verdade entoam cânticos de guerra: mas, os que possuem uma verdade verde não se misturam aos brancos tampouco aos vermelhos, os quais por sua vez fazem questão de se distinguirem dos pretos e brancos - estes, coitados, tão amuados que apenas escutam tudo, cabisbaixos, sem se manifestar, pensando somente no futuro e no guerreiro lunar que os abandonou, deixando seu dragão sem fogo, parte de uma tragédia, um mítico mergulho nas profundezas, do qual, ou renascerá como a fênix sob o coro das bacantes, ou será perpetuamente condenado a rolar, a cada ano, a imensa pedra morro acima, como Sísifo... Zeus é quem saberá...

Subitamente, escutam-se sons alucinados, guturais: são os multicores, que descem das montanhas, com a altivez própria dos vencedores, seminus, exibindo seu sorriso arrogante, vitoriosos da própria vida, violentos como sempre.

O numeroso exército das virgens gasta muito suor e muita energia para manter todas as cores separadas; detrás dos cordões de isolamento, os multicores rangem os dentes para os verdes, os quais, ainda sangrando, ruminam a vingança. Os pretos e brancos, sem voz, limitam-se a sacudir a cabeça, ensandecidos pela paixão da hora; os brancos, por sua vez, estão muito entretidos com seus rituais de iniciação grupal, para perceberem o que se passa.

Por sorte, as virgens, treinadas à exaustão neste ofício, conseguem manter a ordem, e todos caminham para a festa separadamente. Um observador atento, entretanto, sobrevoando a turba, apenas enxerga um amontoado de cores sobrepostas e misturadas... Ops, todos não! As de cabelo comprido caminham muito atrás, algumas de mãos dadas, sem conseguirem penetrar (que inveja!) na multidão cantora; já os *cor-de-rosa*, alegres e saltitantes, passeiam entre todas as tribos, de todas as cores, mas parecem invisíveis... Aqueles que os enxergam por trás evitam tocá-los, como se fossem contagiosos...

No Foucaultão¹, um monumental, fabuloso e gigantesco estádio, com lugares rizomaticamente marcados de onde tudo se vê sem nada se ver, onde se vê e se é visto, onde se é visto sem se ver... Enfim, no Foucaultão, estádio sob o qual pairam mil suspeitas já enterradas sob a grama, a festa vai começar. As cores, ou melhor, as pós-pessoas coloridas se acomodam mal, após pagarem caro, e colaboram para o espetáculo multicolorido que se verá

a seguir. Em um lado do estádio, deuses gregos se divertem, fofocando da vida alheia. Tecem as tramas, as teias e as tramóias, saboreando a Ambrósia² e bebericando o Néctar, servido em grandes tachos por belas ninfas. Grandes mandas-chuva confabulam escondidos, mas sem segredo, sobre o destino dos donativos, que não cabem mais nas arcas. Ao som de um flautim, crianças lindas brincam de correr e caçar borboletas inexistentes, sob o sorriso complacente dos pais.

De repente, com o barulho do trovão, tudo pára, e todos ficam em silêncio. A terra treme, o vento cessa: o chão começa a se abrir, e aos poucos desvela uma figura, uma estátua, na fabulosa pose de Rodin, pensando, nu. Assombrados, todos olham, - mesmo os que não enxergam. Alguns minutos se passam, e o pensador se revela: é Juca! O Grande Kfourri sorri internamente, movimenta os olhos para todos os lados e, praticamente imóvel, manda uma mensagem telepática: “Cuidado! Se não pensarem, 2014 passará por cima de todas as cores, o amarelo irá para o bolso de poucos, e o verde virará fumaça!” Infelizmente, naquele momento, as comunicações mentais haviam sido cortadas, e ninguém entende nada...

Agôn, filosofia e a criação do herói esportivo: apontamentos histórico-filosóficos sobre o surgimento de um fenômeno antropológico.

Inegavelmente, o fenômeno esporte, que mobiliza paixões em milhões de pessoas, e milhões em poucas contas, também tinha este poder de mobilização em suas origens. Aparentemente, o seu desenvolvimento chegou a fazer dele o mais importante fenômeno social da Grécia Antiga.

Parece que tudo começou no século VIII a. C. Nos séculos anteriores a este, a tradição oral era a forma mais forte de transmissão cultural; a poesia recitada, em forma de “repentes”, contava as tradições e as histórias dos povos e agrupamentos. Aos poucos, as instituições sociais avançam por todo o território grego, e no período do século VIII a.C, até o século V a. C., o desenvolvimento das *polis* (cidades) foi ocorrendo *paripasso* com outros pontos fundamentais no surgimento da civilização grega: *a moeda e a escrita*, convenções necessárias para a vida em sociedade que as *polis* prenunciavam.

O desenvolvimento destas instituições permitiu que as pessoas se organizassem de formas diferentes: o conhecimento, que até então era transmitido oralmente, passa a ser divulgado de forma escrita. As grandes obras de Homero (a *Odisséia* e, sobretudo a *Ilíada*), surgidas neste período, educaram gerações e gerações de gregos. Em poucas

linhas, pode-se dizer que são livros e histórias que caminham em uma direção *não-hollywoodiana*, no sentido que não são obras maniqueístas, onde há bons lutando contra maus. Em Homero, todos combatentes têm seus méritos, e lutam cada qual do seu lado, pelos valores que acreditam, isto é, todos são justos e procuram, ao dar o seu melhor, competir por aquilo que pensam ser o mais adequado para si e suas cidades. De fato, todos buscam pela *Arete*, que pode ser compreendida tanto como a virtude máxima, mas também como a excelência em cada aspecto da vida, e em cada tarefa realizada.

Resumidamente, é neste contexto de valores competindo entre si, que surge o esporte. Não como um fenômeno isolado, mas sim em âmbitos e locais (as *Akademias*) nos quais também se ensinam e são praticadas a filosofia e as artes; onde há competições (*agôn*) de todas estas formas de expressão – filosóficas, artísticas e corporais. E aonde, por meio destes festivais competitivos, se cria e se fortalece o ideal democrático, ou seja, o direito, e mais que isso, o dever do cidadão de fazer parte de sua comunidade, se manifestar e competir pelos seus ideais, por aquilo que pensa ser o mais adequado para o seu meio social. Para Câmara (2006), Nietzsche exalta o *agôn* no combate ao despotismo, como base para a formação dos jovens, tanto como indivíduos, por buscar seu aperfeiçoamento individual, quanto social, como elemento autorregulador que beneficia toda comunidade. O *agôn* luta contra essa tendência à inércia, um permanente acúmulo de energia, ou como sugeria Goethe, de *Qual*, que vai se constituindo como agente de mudança, de ruptura com a conformidade do atual.

Desta forma, o espírito competitivo presente no esporte até os dias de hoje, se forjou em meio ao surgimento do ideal democrático grego, representado hoje de formas diferentes, mas que teve a sua origem em festivais nos quais todos os cidadãos se manifestavam em diferentes formas de expressão, competindo por aquela que julgavam ser a mais correta, e valorizando o adversário que se contrapusesse a esta, demonstrando outros pensamentos e idéias cujo valor intrínseco era o de competir, buscando a melhora para todas as vertentes. Este desenvolvimento na Grécia Antiga teve seu ápice no século V a. C., quando a democracia, a ginástica, o teatro e a filosofia gregas estavam em seu auge. Aos poucos, entretanto, os desempenhos esportivos foram ganhando uma dimensão maior: as guerras e disputas políticas e comerciais entre diversas cidades – estado, entre diferentes modos de vida, cessavam durante as competições de esporte: os

atletas se dirigiam à Olímpia, onde passavam dois meses com a mesma alimentação e submetidos ao mesmo treinamento, a fim de assegurar-se uma disputa justa.

Os Jogos Olímpicos passaram a ser o fenômeno social de maior importância na Grécia Antiga. Os atletas voltavam para suas cidades-estado e, se vencedores, estátuas (*Zani*) eram erguidas em sua homenagem, a peso de ouro; as cidades encomendavam poemas, pagos a peso de muito mais ouro, para os atletas campeões. A vitória restaurava a auto-estima de muitas cidades, sentimento este combatido por fracassos em guerras ou outras disputas e querelas graves. Desta forma, pode-se afirmar que, conforme coloca Gebauer (1993/1994) o esporte também em suas origens esteve envolto em rituais cuja simbologia se diferenciava do teatro ou mesmo de rituais religiosos, mas cuja essência muitas vezes se confundia com estas manifestações: um fenômeno no qual a ascese, a união das pessoas em torno de um ideal único, a transcendência sempre estiveram presentes. Até porque, ao conquistarem vitórias para suas cidades, e ao serem imortalizados por meio de estátuas que valorizavam os seus corpos bem torneados, mas principalmente por intermédio das canções e poemas que glorificavam os seus feitos, os atletas antigos eram transformados em mitos, e seus feitos transmitidos e louvados por gerações.

Nietzsche, em sua obra **O nascimento da tragédia**, ao comentar sobre esse período da cultura grega aponta para a existência comum do que ele chama de *dionisíaco* e *apolíneo*. Afirma que a estética está voltada para a busca de equilíbrio entre os dois nas expressões do mundo clássico “da mesma maneira como a procriação depende dos dois sexos” (p.31). O primeiro está focalizado mais nos sentidos e na relação com o mundo natural: “Sob magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem” (p.31). Assim, as atividades corporais agônicas, tinham entre outros suportes filosóficos, a permanente busca de encontro do homem grego com sua natureza orgânica e sensível, sua incompletude e imperfeição, sob forma de celebração coletiva e prazer lúdico. Por outro lado, o conceito de *apolíneo* deslocava o humano para aquilo que é elevado, luminoso, essencial, puro e racional, para o mundo da perfeição das formas, o que propõe comedimento, temperança e métodos objetivos racionalizados. Dessa maneira, o esporte é, para os gregos do século V, tanto dionisíaco como apolíneo, pois suas realizações

corporais dependiam tanto do culto dionisíaco às forças naturais presentes nos movimentos, como sua elevada e apolínea justificativa de método e desenvolvimento. Assim, Sugizaki (1998) resume bem ao afirmar que a vida é agônica, em todas suas facetas. E o esporte é paixão e razão, arte e ciência ao mesmo tempo. A decadência do corpo no mundo helênico coincide com o deslocamento do *agôn* para as dimensões apolíneas, principalmente em Sócrates e Platão, nas quais a corporeidade se vê subjugada pela razão, o que na **República** transparece na descrição estratificada da forma de governo no qual a camada mais elevada pertence aos sábios. Isso para Nietzsche (2000) significa o início da decadência do mundo clássico, seara na qual o cristianismo e sua moral dual logo depositariam suas sementes e frutificaria por séculos.

O símbolo do herói apolíneo dotado de luz e razão acabará por ser hegemônico no ocidente ao compor parte das virtudes solares dos santos e mártires cristãos em oposição ao satirismo demoníaco atribuído aos aspectos dionisíacos, mais próximos às forças orgânicas e naturais do homem que à controlada temperança e ponderação racional dos santos. O símbolo do herói desportista, possuidor de virtudes físicas Apolo-dionisíacas, somente viria a ser recuperado, mesmo que lentamente, após a Renascença, alcançando um elevado patamar no século dezenove com o olimpismo. Santos, heróis desportivos e mais recentemente no século vinte, os ídolos da cultura pop são vizinhos na imaginação humana.

Como quer Rubio (2001), o símbolo do herói esportista foi sendo criado a partir destes primórdios da civilização grega - o herói esportista, cantado e glorificado dos primórdios da civilização até os dias de hoje, nos poemas como os da epígrafe deste texto, mas também em crônicas esportivas, filmes que idealizam os atletas e são vistos por milhares; jogadas nas quais o atleta, ao demonstrar as suas habilidades físicas, se torna um semideus, idolatrado por sua torcida, reverenciado pelos adversários, cultuado por anos, em *blogs* e no *youtube*. Os “melhores momentos de Pelé”, os filmes da Copa vistos sob outros ângulos, em câmera lenta como fossem passos de dança (GEBAUER, 1993/1994). Estes símbolos que, de acordo com Krawczyk (1996) emanam grande valor social e perpassam por gerações – aqueles que viram Pelé ou algum outro atleta de grande valor atuar, os que viram *ao vivo mesmo*, possuem um capital esportivo que lhes rende um grande capital social e cultural, nos termos de Bourdieu (1990), pois centralizam as “rodinhas” de histórias nos encontros festivos, nas pequenas reuniões

sociais, nas quais discorrem sobre seu testemunho ocular dos grandes feitos dos atletas passados.

Esta aproximação com rituais religiosos que o fenômeno esportivo ainda possui nos dias de hoje, é muito bem descrita pelo semiólogo Roland Barthes (1961, p.10-11), neste pequeno roteiro que escreveu para um documentário esportivo. No início da primeira cena, ele propõe que o narrador fale:

Todo nosso esporte moderno está contido nesse espetáculo de uma outra era, herdeiro dos antigos sacrifícios religiosos. (E a reflexão segue em voz alta). O esporte moderno não nasce da sublimação da violência³, mas é a estilização de disputas míticas que eles travam contra inimigos comuns: contra o tempo (na corrida de carros), contra a natureza (na corrida de bicicletas do Tour de France) (...) O esporte é um modo espetacular (para quem o pratica e quem assiste a ele) de saber qual é o melhor dentre os homens, qual possui maior domínio de si, da técnica, qual tem mais capacidade para dominar as coisas... Quem se sai melhor em vencer a imobilidade da natureza? Quem se sai melhor em trabalhar o mundo, oferecê-lo aos homens... a todos os homens?(...) Ademais, no esporte um homem não enfrenta diretamente o outro: entre eles, há um intermediário, está em jogo algum objeto, máquina, disco ou bola. E essa coisa é o símbolo das coisas: é para possuí-la, dominá-la, que o atleta procura ser forte, rápido, firme, valente.

Interessante registrar que outro francófono, o argelino romancista e filósofo Albert Camus (1992, p.93), foi goleiro de futebol profissional, e valorizava esta vivência a tal ponto que a resumia da seguinte forma: “Tudo o que sei sobre os homens não devo à filosofia, mas sim ao futebol”.

Este aspecto quase que sagrado do esporte também é analisado por Higgs (1996) ao discutir e resenhar alguns livros que tratam sobre a questão das interfaces entre o fenômeno religioso e o esporte: a ascese, a mitificação, a glorificação, a criação de semideuses e heróis esportivos, entre outros pontos, são as convergências que o autor enxerga entre os fenômenos. Sobre esta questão, Bento (2007, p.315-316) acrescenta, relacionando também ao sagrado, o “espírito de superação” realizado no campo das façanhas físicas humanas:

O Homem afirmado e celebrado pelas proezas e excessos do seu corpo, quer o dos atletas da idade média premiados como santos graças à ascese e mortificação, quer o dos santos dos novos tempos glorificados como atletas devido à superação e exaltação. O Homem que procura a coroa de louros, a admiração, o apreço e o reconhecimento nos mais distintos pódios olímpicos.

Ainda seguindo esta linha de pensamento, tal mitificação do atleta corresponde a um momento histórico e cultural no qual tanto as utopias quanto as religiões não

possuem mais o mesmo papel no imaginário e nas suas distintas representações, conferindo ao corpo e suas extensões, uma nova sacralidade, consubstanciada em novos ritos. Conforme afirma Costa (2002), um mundo em que há uma desinstitucionalização das instâncias doadoras de identidades tradicionais, forja o *ethos* do indivíduo desengajado, descompromissado ou descomprometido, que desidealiza o corpo como fonte de vida e ao mesmo tempo idealiza o corpo como fonte de satisfação. Bento (2007, p.317), ao lembrar Lipovetsky (1994), “vê o regresso do corpo, ao centro dos olhares, não tanto por causa da sua razão intrínseca, mas como uma tentativa de compensar o ‘crepúsculo do dever’ e de preencher a ‘era do vazio’ (de valores e de transcendência divina), tão em voga nas últimas décadas”.

Da mesma maneira, o espaço cultural e simbólico no qual tais ritos são realizados, é também alçado à categoria do sagrado. Sacrilégios que se cometem quando se invadem ou se profanam templos sagrados – a destruição do escudo de um clube, por exemplo – demonstram, para o autor, o quanto futebol e religião possuem inúmeros paralelos. Por outro lado, e inclusive por estas similaridades, Higgs (1996) enfatiza que o fanatismo que despertam pode gerar episódios de violência insana, o que demonstraria, também segundo o autor, o potencial profano do esporte.

Aprofundando estas reflexões, o cientista social de origem argentina Bromberg (2001), também apresenta o futebol, e o esporte, como fenômenos profundamente profanos, pois o atleta que, momentos antes era considerado um herói, ao cometer um erro, ao prejudicar seu time, seu estado, sua nação, em virtude de uma falha técnica, cai no inferno de onde muitas vezes não sai mais. Analisa, ainda, diversos casos de jogadores na Argentina que fizeram “gols contra”, e que nunca conseguiram se recuperar da desgraça que se abateu sobre seus times com esta derrota que causaram. A derrota também é discutida por Brohm (1991), que aponta para os caminhos das diversas “mortes simbólicas” às quais está sujeito um ator do esporte-espetáculo, um atleta. Perseguições, comentários maldosos na mídia, enfim, tudo aquilo que potencialmente pode endeusar um atleta, mitificando-o e o transformando em um herói, pode também “matá-lo” simbolicamente, pois seus lances errados, bisonhos, suas falhas grotescas o colocam novamente no patamar dos humanos que erram, e o atiram ao inferno quando veiculados pela mídia incessantemente.

Antes de adentrar o tópico final, sobre o esporte atual, vale a pena ressaltar um ponto muito bem discutido pelo antropólogo Damatta (1994), e que vem ao encontro daquilo que já escrevemos ao citar Bourdieu e sua teoria do capital social. Ao discorrer sobre a relevância social do futebol no Brasil, indica que este também é um fenômeno que aporta um grande capital social aos que estão neste meio. Para o autor, há uma clara hierarquia de *status* social em nosso país entre os que sabem ou não sobre futebol, que se reflete nas relações sociais de gênero, inclusive; o futebol movimenta crônicas e resenhas que são contadas diariamente nos bares do país; ter contato com um jogador, conseguir estar num grande evento, possuir um ingresso ou uma camisa valiosa, e até um pedaço da grama em campos onde feitos heróicos aconteceram, saber as histórias do futebol – sobretudo os bastidores -, todos são símbolos de *status* que garantem aos seus detentores um grande capital social.

Assim, o futebol gera um sentimento de pertencimento para o cidadão do Brasil – “o brasileiro só se sente verdadeiramente representado por sua seleção”, escreve o autor – que o faz colocar o esporte em um local verdadeiramente sagrado, em termos simbólicos, em sua vida, local este que não admite nenhum sacrilégio (“Falar mal de meu time? Pisar na sua camisa? Ironizar seus craques? Maltratar suas cores?”), o qual, se cometido, pode ser punido com violência⁴ (DAMATTA, 1994, p. 10-17)

Charlie Chaplin, o esporte moderno e o e\$\$\$petáculo

Rubio (2001) propõe que o esporte como é praticado atualmente (modalidades esportivas regradas, associações, institucionalização) teve seu impulso inicial no movimento desportivo surgido na Inglaterra em meados do século XIX. Bouet (1998) aprofunda esta análise, ao demonstrar que muitas modalidades esportivas foram surgindo naquela época e país, pois elas iam ao encontro das necessidades da Revolução Industrial, quais sejam: aprendizado do trabalho em equipe; jogo justo (*fairplay*); disciplina rígida; vigor corporal para executar árduo e extenuante esforço físico, entre outros pontos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho em escala industrial. Interessante seria pensar também como isso se dá nos dias de hoje, pós reestruturação produtiva, com ampla difusão do modelo toyotista⁵, que se implanta agregando e sobrepujando os elementos tayloristas e fordistas na produção. Certamente se mantém alguns elementos, mas outros se perdem ou dão lugar ao culto do *self made man*, ou

seja, o indivíduo de sucesso, como veremos mais a frente, com o que ocorre à solidariedade.

O esporte na Inglaterra industrial teve forte apelo popular, juntando multidões em sua prática, e mais ainda em sua assistência: a lógica da divisão social do trabalho, segundo Bourdieu (1983), ocorria da mesma forma no esporte: os que sabiam executar muito bem, porém mal sabiam explicá-lo, e aqueles que o assistiam passivamente, falando muito sobre o esporte, sem, contudo colocar a “mão na massa”. Assim se reproduz até hoje, tanto no esporte quanto nas artes, como no teatro (por exemplo), em que a relação treinador e diretor/ jogador e ator se dá nesses moldes. Os que só atuam são burros, não entendem o jogo, executam somente. Os que entendem, são os que ficam de fora, dirigindo como marionetes seus atletas e atores. Entretanto, segundo o sociólogo francês, os valores que regulavam esta atividade naquele período, foram lentamente se transformando ao longo do século XX: do *fairplay*, da justiça e da nobreza dos ideais, os valores da globalização invadiram o esporte; os meios de comunicação transformaram-no em um fenômeno global, e as façanhas dos heróis locais (e as desgraças também) são transmitidas mundialmente. O valor máximo dos primórdios do esporte, a nobreza da vitória em virtude da habilidade, da destreza e da capacidade física; a importância da competição enquanto forma de disputa leal, todos estes foram transmutados para a grande possibilidade que um espetáculo global possui: acumulação de capital.

Santos (2003) afirma que a concorrência é a regra estabelecida nestes cinco séculos de capitalismo. Mas nas últimas décadas a competitividade toma o lugar da competição. A competitividade comanda nossas formas de ação e o consumo comanda nossas formas de inação. A competitividade elimina todas as formas de compaixão e estabelece a guerra como norma. Vencer, eliminá-lo e tomar seu lugar. Essa ética da competitividade caracteriza nosso tempo, forjando individualismos possessivos e abandonando a solidariedade para criar formas mais perversas de sociabilidade. Digel (1988) mostra como a solidariedade no esporte deu lugar a essa nova visão da competitividade, onde vencer significa não somente superar o outro, mas sim eliminá-lo. Segundo o autor, atualmente atletas de alta *performance* tem muita coisa em comum com produtores industriais, apesar de muitas vezes serem ao mesmo tempo empregados e empregadores. O esporte não se desenvolveu, segundo o autor, como outras atividades

humanas, tais como a ciência ou as artes, pois ele foi crescendo sem o necessário substrato filosófico. O desenvolvimento técnico e tecnicista que tomou conta do esporte, as exigências infinitas do altíssimo desempenho fizeram com que o esporte de rendimento, a excelência do alto nível provocasse uma grande separação, um completo afastamento entre o esporte popular e o esporte de elite. Mas será que na realidade não há uma tendência a uma fusão de ambos, prevalecendo a lógica do esporte de elite? Digel (1988) indica e relata fortes evidências que o declínio da solidariedade no esporte e o aumento da violência (simbólica e real, nas quadras ou nas torcidas) ocorrem pari passo com o aumento e o incremento da importância do dinheiro no mundo esportivo. Um exemplo da falta de solidariedade que o autor cita é a espionagem entre atletas e entre clubes, comentando casos famosos ocorridos na Inglaterra.

Cashmore & Parker (2001), ao analisarem o processo que gerou a grande popularidade do jogador de futebol inglês David Beckham, descrevem um quadro no qual os atletas são verdadeiras *commodities* no mercado simbólico das celebridades, e que a hipermasculinidade hegemônica presente nos esportes reforça ao mesmo tempo em que é reforçada pelo hipermonetarismo também aí vigente de forma predominante. Concordando com Digel (1988), os autores enfatizam que o esporte de elite é uma grande “lavanderia” de dinheiro proveniente de fontes ilícitas, e que a recuperação do sentido do esporte passa pela sua total desvinculação a qualquer fonte criminosa de dinheiro (e isto somente pode ocorrer fora desta lógica) – fato este, aliás, muito conhecido daqueles pós-humanos pretos e brancos...

Os autores também já prevêm o altíssimo interesse pela vida das celebridades esportivas, transformadas em ícones globais, colocando que estes não terão mais sossego, ou seja, serão perseguidos e vigiados inclusive dentro dos campos, em suas ações mais íntimas, em suas falas e momentos de descontrole que o esporte pode propiciar – quem se lembra da última Copa da Alemanha e da leitura labial dos técnicos irá entender isto completamente.

O que fazer perante um quadro destes? Desistir de fazer esporte? Um filósofo, logo ele, este especialista em não se especializar, propõe o contrário. Manuel Sérgio (1984, p.15), professor português que já esteve muito em voga na Universidade de São

Paulo em décadas passadas sorri pacientemente e comenta tal qual um Kfourri ressurgido das cinzas: “Senhores, a solução é mudar; mas para mudar, é preciso pensar, é preciso filosofar, é preciso chegar às raízes dos problemas, enxergá-los, e então buscar as soluções”.

Descrever o fenômeno à exaustão; percebê-lo em suas entranhas, com os instrumentais que a “esportologia” proposta por Bouet⁶ (1998) propicia. Desta forma, para Manuel Sergio (1984, p. 21), seria possível resgatar o esporte enquanto atividade humana, que permite que o ser humano se expresse assim como as diversas outras manifestações de humanidade.

Há diferentes pessoas, há de haver diferentes esportes e outras atividades para que todos expressem o seu potencial. A diferença é que o esporte é uma das únicas que consegue congrega tantos e milhares de pessoas ao mesmo tempo. Alguém já imaginou 85.000 pessoas a assistir um recital de poemas? Ou um milhão vendo teatro pela TV? Todos humanos devem ter o direito de expressar o seu potencial, porém sem constrangimentos que os obriguem a fazê-lo de modo que não queiram, ou mesmo que os impeçam de praticar.

Tais potenciais humanos podem congrega-se na corporeidade, por vezes de maneira extremada, assim, como afirma Lipovetsky (1994) citado por Bento (2007), quando diz que estamos vivendo um tempo no qual “o homem regressa a si próprio, após uma longa ausência, mediante o culto exacerbado do seu corpo; este se torna mais do que carne em mesa de anatomia e passa de 'res extensa' e materialidade muda para categoria quase do foro psicológico, a tal ponto que apetece beliscá-lo e perguntar quanta carne ainda haverá nele” (p.217). No entanto, tal questão também abre a perspectiva de se tomar a reflexão como um exercício da corporeidade, bem como “a barra fixa, o salto mortal, as argolas, o exercício no solo, o trampolim, os mergulhos valem por exercícios de metafísica experimental” (p.218). Tal permuta nos permite investigar novas perspectivas tais como a do corpo que reflete /reflexão-que-se-move, de maneira que estas possam ser postas à mesa de discussão, como antídotos ao obscurecimento e à ignorância. Como na alegoria que introduziu este texto, a violência e a cegueira que permeiam os habitantes coloridos “pós-humanos” do Reino dos Santos de Barro tem só um remédio, que lhes foi receitado pelo pensador que os silenciou: pensar, usar desta ferramenta que ainda é grátis. O único problema é o corte das comunicações...

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **Le sport et les hommes**. L'Harmattan, Paris, 1961.
- BENTO, J. O. Do "Homo Sportivus": relações entre natureza, cultura e técnica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, v.21, n.4, p.315-330, out./dez. 2007.
- BOUET, M. **Questions de sportologie**. Paris: L'Harmattan, 1998.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BROHM, J. M. Pour une anthropologie critique du sport. **Revue Education Physique Sportive**, v. 320, p. 7-13, julho, agosto, 1991.
- BROMBERGER, C. Las multitudes desportivas: analogia entre rituales deportivos e religiosos. *Lecturas*. Revista Digital, Buenos Aires, v.6, n.29, janeiro, 2001. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 13/setembro/2004.
- CÂMARA, J. B. A Competição em Nietzsche ou o agôn das idéias. **Res-Publica**, Lisboa, Novembro, 2006.
- CAMUS, A. What I owe to football. **In The Faber Book of Soccer**. London/Boston, Faber and Faber, 1992.
- CASHMORE, E.; PARKER, A. One David Beckham? Celebrity, masculinity and the soccerati. **Sociology of Sport Journal**, v.20, p. 214-31, 2001.
- COSTA, J. F. **O sujeito na saúde coletiva**. Palestra apresentada no Congresso Brasileiro de Medicina, 2000.
- DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, 22 - Dossiê futebol, p. 10-17, junho, julho, agosto, 1994.
- DAMO, A. S. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editoria da UFRGS, 2002.
- DIGEL, H. The prospects of modern competitive Sport. **International Review for the Sociology of Sport**, 23 (93), p.176-81, 1988.
- GEBAUER, G. Sport, theater and ritual: three ways of world making. **Journal of the Philosophy of Sport**, XX- XXI, p.102-106, 1993-94.
- HIGGS, R. J. Review essay about Sport and religion (by Shirl Hoffman, ed.) and Religion and sport: the meeting of sacred and profane (by Charles S., Prebish, ed.), **Journal of the Philosophy of Sport**, XXIII, p.104-109, 1996.

KRAWCZYK, Z. Sport as symbol. **International Review for the Sociology of Sport**, v.31, p.429-438, 1996.

LAROUSE CULTURAL. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Círculo do Livro / Universo, 1992.

MEDINA, A. Alguns boleiros. **Revista USP**, 22 - Dossiê futebol, p.39, junho, julho, agosto, 1994.

NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

RUBIO, K. **O imaginário esportivo: o atleta contemporâneo e o mito do herói**. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERGIO, M. **Ideário e diário: um filósofo reflecte o desporto**. Lisboa: Compendium, 1984.

SUGIZAKI, E. Nietzsche entre os filhos da noite e os deuses olímpicos. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 8, n. 5, p.1119-27, set./out., 1998.

Recebido em: 15/12/08

Aprovado em: 29/08/09

Contato dos autores:

jk@usp.br

oliveiracasco@ig.com.br

diogocastrosp@yahoo.com.br